



A PLATÉIA: ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA ASSISTIRAM AO DEPOIMENTO DE ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, EM TELÃO ARMADO ESPECIALMENTE PARA A OCASIÃO

ACM na TV. Tudo a ver

Dante Accioly,
Sheila Raposo e
Tarciano Ricarto
Da equipe do *Correio*

Nara Fagundes Correia, 22 anos, estudante de Antropologia. Diogo Mutti, biólogo, 26 anos. Francisco de Souza Manguiera, 73 anos, faxineiro. Essas e mais algumas centenas de pessoas reuniram-se em frente ao telão armado no Ceubinho, ponto de encontro das várias tribos que estudam e zanzam na Universidade de Brasília (UnB). O interesse era o mesmo: assistir ao testemunho do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) no Conselho de Ética do Senado.

Quando o depoimento começou, silêncio quase absoluto. Mas, em pouco tempo, comentários e risinhos sarcásticos começaram a ecoar. Entre uma e outra explicação de ACM sobre a violação do painel eletrônico do Senado, o clima esquentou. Várias vezes a mãe do senador baiano foi xingada. Vaia e ovações também permearam o quase evento. As ovações, no caso, foram para a senadora Heloisa Helena (PT-AL).

Do outro lado, o professor de Serviço Social Perci Coelho de Souza usava nariz vermelho e dentões de plástico para protestar contra a crise no Senado. "Sou contribuinte, não sou palhaço". Mais adiante, o estudante de Arquitetura Nelson Ke-

ti Borges, 27 anos, pregava mais rigor. "Cassação é pouco". Por sua vez, a mestrandia em Sociologia Patrícia Cabral, 22 anos, não escondia a desconfiança: "ACM não vai sofrer nada. No máximo, Arruda terá alguma punição", disse ela, referindo-se ao senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), que depõe hoje no Conselho de Ética.

No Senado, não havia telão. Mas os funcionários da Casa também assistiram ao depoimento de Antonio Carlos Magalhães. Ezequiel Vasconcelos Ferreira tem 20 anos e cobra R\$ 1,50 para engraxar um par de sapatos. Ele trabalha em uma das três cadeiras de engraxate da lanchonete do Senado.

"ACM INOCENTE"

Ontem, a lanchonete estava cheia de gente. Mas Ezequiel não engraxou sapatos. Deixou o serviço um pouquinho de lado só para assistir à sessão do Conselho de Ética pela tevê. Para o engraxate, o senador baiano convenceu os demais senadores. "O ACM está falando a verdade. Ele não determinou a violação do painel eletrônico. Até agora não vi qualquer envolvimento dele no caso."

Além de Ezequiel, cerca de vinte pessoas se acotovelavam na lanchonete do Senado. Elas se revezavam na frente de uma tevê de 14 polegadas, que transmitia ao vivo o depoimento de Antonio Carlos Magalhães.

"QUANDO ESTA HISTÓRIA VEIO À TONA, ERA PARA O ACM TER ESCLARECIDO TUDO. NÃO SEI POR QUE ELE DEMOROU TANTO PARA FALAR. ESSE É UM ASSUNTO QUE INTERESSA A TODO BRASILEIRO"

BERTOLDO MOREIRA

Servente do Senado

Encostado na parede da lanchonete, o servente Bertoldo Moreira era um dos telespectadores atentos. Ele trabalha há 10 anos no Senado Federal e costuma limpar carpetes da Casa com um aspirador de pó.

Bertoldo tem 42 anos e é baiano como Antonio Carlos Magalhães. Mas o contrerrâneo não

vacila: para ele, o senador deveria ter sido chamado para depor há muito tempo. "Quando esta história veio à tona, era para o ACM ter esclarecido tudo. Não sei por que ele demorou tanto para falar. Esse é um assunto que interessa a todo brasileiro", discursa.

Quem também acompanhou o depoimento do senador foi o motorista Washington Machado, de 24 anos. Ele trabalha no Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) e assistiu à sessão pela tevê — numa sala do Ministério da Justiça (MJ).

SEM CONVENCER

Para Washington, a defesa de Antonio Carlos Magalhães não convenceu. "ACM deveria assumir o erro dele, como tudo mundo assumiu. Como presidente do Senado, ele deveria ter afastado a Regina (Borges, ex-diretora do Prodasen) e o Arruda na mesma hora", afirma.

No estacionamento do Ministério da Justiça, o rádio de pilhas do ambulante Agamenon Ferreira, acostumado ao pagode e ao forró, também se rendeu ao depoimento do senador. Muito a contragosto, é verdade. "Um colega chegou e me pediu para mudar de estação. Mas não queria saber disso", detalha Ferreira, que há 15 anos vende balas no mesmo lugar.

O desinteresse de Agamenon era exceção no estacionamento

do Ministério da Justiça. Motoristas particulares e taxistas parados no local estavam sintonizados na sessão do Conselho de Ética do Senado, que acontecia a poucos metros dali. A mesma cena se repetia em outros estacionamentos da Esplanada. Ao lado do Ministério da Fazenda, a Blazer do taxista José Carlos Siqueira atraiu gente que apurou os ouvidos para não perder a fala do ex-presidente do Senado.

"Existe um interesse geral de saber o que ele vai dizer", comentou Siqueira, durante a segunda hora do depoimento do senador. Sebastião Manoel, que se encostou na Blazer do taxista, confessou não acreditar em uma palavra do parlamentar. "Tudo é mentira", disparou o vendedor de frutas. Lázaro da Paz, que por um instante entrou na Blazer do colega também para ouvir ACM, concordou com Lázaro. "Não entendo muito de política, mas acho que ele está mentindo".

No Ministério da Educação (MEC), em vez de música, discurso. O sistema interno de rádio do MEC alterou a programação durante a tarde de ontem. Abandonou a música ambiente e deu vez às explicações de ACM. Alguns metros acima do grupo de colegas, nos andares dos ministérios, funcionários públicos não acreditaram no depoimento de ACM. "Se ele for cassado, passo a acreditar nesse país", disse o funcionário público Jazon Macedo, do MEC.